

ROLF MÁRIO TREUHERZ

Especialista em economia e finanças

Moralidade & Ética de Líderes Mundiais

VOLUME II

da União Ibérica à Revolução Francesa



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

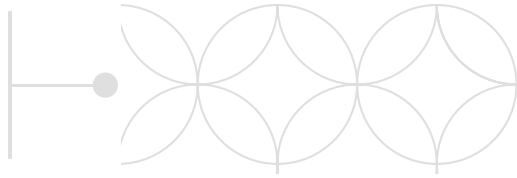
Rio de Janeiro, 2024



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 01	3
CAPÍTULO 02	6
CAPÍTULO 03	14
CAPÍTULO 04	25
CAPÍTULO 05	27
CAPÍTULO 06	37
CAPÍTULO 07	44
CAPÍTULO 08	55
CAPÍTULO 09	66
CAPÍTULO 10	73
CAPÍTULO 11	87
CAPÍTULO 12	91
CAPÍTULO 13	103
CAPÍTULO 14	109
CAPÍTULO 15	119
CAPÍTULO 16	129
CAPÍTULO 17	139
CAPÍTULO 18	145
CAPÍTULO 19	153
CONCLUSÃO DO SEGUNDO VOLUME	175
SOBRE O AUTOR	186

01



Na parte final do primeiro volume, os Vivone encontravam-se em Lisboa, onde souberam da situação criada em 1585, em que o rei Felipe II de Espanha tornou-se praticamente o “dono de todas as terras do universo” por assumir, ao mesmo tempo, os tronos da Espanha e de Portugal. Descobriram também que Felipe II, em 1588, sofreu uma fragorosa derrota quando tentou invadir a Inglaterra com os navios da sua famosa “Invencível Armada”. Depois de falecer em 1598, foi sucedido por seu filho, que assumiu os nomes Felipe III de Espanha e Felipe II de Portugal (para maiores detalhes, veja capítulo 44 do primeiro volume).

Em 1605, a família Vivone era composta por Piatã, Ybyajara, Cauã e Teodoro, todos com 74 anos, e suas respectivas esposas, Sílvia, Trudy, Sherry e Elizabeth com idades entre 61 e 63 anos. Os quatro filhos, Elza, Charlie, Bruno e Alex, todos nascidos na Inglaterra, tinham entre 24 e 27 anos. A árvore genealógica encontra-se a seguir:



ÁRVORE GENEALÓGICA ABREVIADA DA
FAMÍLIA VIVONE NO ANO DE 1600

Piatã (1531–) e Sílvia Taylor (1544–)

Elza (1578–)

Ybyajara (1531–) e Trudy Watson (1542–)

Charlie (1580–)

Cauã (1531–) e Sherry Paulson (1542–)

Bruno (1578–)

Teodoro (1531–) e Elizabeth Evans (1543–)

Alex (1581–)

Naquele momento, os Vivone moravam em Lisboa, na residência adquirida pelos seus antepassados, conservada pelos empregados que recebiam seus salários religiosamente do tio Aloísio, falecido em 1580.

Quando ainda moravam na Inglaterra, os pais tiveram um desempenho brilhante em suas respectivas profissões. Piatã era professor de cirurgia na Universidade de Southampton, Ybyajara era alto funcionário da British Research Institute for Astronomy and Advanced Mathematics, especializado em pesquisas da abóbada celeste e matemática avançada. Cauã, por outro lado, foi para o Ministério da Justiça da rainha Elizabeth I (1533–1603), e cuidava de todos os processos referentes a tributos da nobreza e da população em geral. Teodoro foi contratado como assistente de engenharia para cuidar das reformas do castelo de Windsor, também sob o reinado de Elizabeth I.

Todos os membros da família, sem exceção, frequentaram a Royal School of Moral Integrity, fundada pelos Vivone na Inglaterra, em 1410, para divulgar os ensinamentos do seu patriarca. No século XVII, a escola continuava pertencendo à família, assim como a propriedade denominada Baltimore

Estate, onde a instituição está localizada. Essa imensa área situada perto do castelo de Windsor foi herdada de Lorde Baltimore, empresário inglês dono de uma das maiores empresas de navegação da Inglaterra. A Royal School é administrada por ex-alunos, remunerados por meio de generosa doação feita pela família Vivone. Durante algum tempo, esteve em plena atividade a Francesco Vivone Exportações Mundiais, encarregada da venda de vinhos produzidos na vinícola de Marseille, também de propriedade da família. A vinícola e a empresa de exportação foram vendidas em 1553 por Cristiano, também falecido, tio de Piatã, Ybyajara, Teodoro e Cauã. A língua falada pelos membros da família é o tupi, ensinado a todos pelas mães indígenas de Piatã, Ybyajara e Cauã. O tupi é também falado pelas esposas inglesas que aprenderam o idioma gradualmente.

AMOSTRA

02



A cabei de receber uma carta do Mr. Jack, nosso funcionário encarregado de cuidar da Baltimore Estate — disse Piatã. — Vou ler para vocês.

Baltimore Estate, 30 de outubro de 1605

Caro Dr. Piatã,

Estamos há tempos esperando notícias suas e de sua prezada família. Aqui as coisas correm dentro da normalidade, a Royal School está em franco progresso e o prestígio dos professores e dos alunos cresce em toda a Inglaterra. Estamos com saudades. Quanto às finanças, temos verba suficiente para as despesas da residência. As raposas estão tristes devido à sua ausência, mas estão todas bem.

Recebi recentemente uma carta da cidade de Braga, em Portugal. Tomei a liberdade de abri-la porque poderia ser algo urgente, mas como o assunto foge da minha alçada, decidi remetê-la o mais rapidamente possível.

— Vejam só o que diz essa outra carta — falou Piatã.

Prezados Senhores da família Vivone,

Descobri, por acaso, o endereço dos senhores em Lisboa e apresso-me para solicitar a sua orientação sobre o que devo responder a um grupo de portugueses que acabaram de me procurar. Sou zelador da

propriedade da falecida Senhora Margarida de Souza Vivone, esposa do também falecido Senhor Gordon Vivone. Como os senhores talvez saibam, venho tomando conta da propriedade de Dona Margarida por muitos anos, após o falecimento do meu pai Arnaldo Benevides, que era o encarregado de zelar por ela. Antes de falecer, o meu pai pediu-me para administrar a propriedade e passou para mim os recursos deixados pelos proprietários para esse trabalho.

O grupo português está interessado em implantar uma vinícola na quinta, pois tiveram notícias de que a terra seria perfeita para a plantação de uvas especiais que produziriam um vinho de alta qualidade. Como não tenho qualquer autoridade para negociar com o citado grupo, venho solicitar aos senhores para que me passem uma orientação sobre o que devo responder aos interessados.

Estarei à disposição e continuarei aguardando uma missiva dos senhores com alguma urgência. O nosso endereço é Rua das Andorinhas, 70, Braga, Portugal.

Cordialmente
Carlos Benevides

— Ora, vejam que coisa incrível — disse Piatã. — Pois não é que eu tinha esquecido que a nossa avó Margarida era proprietária de uma quinta em Braga? E temos sorte de ainda existirem pessoas honestas neste mundo, como parece ser o caso do senhor Carlos Benevides. Vejam que bela oportunidade para irmos até Braga conhecer a quinta da nossa avó e ver o que deve ser feito. Como Cauã é o advogado da nossa família, penso que seria ótimo ele ir também. Além disso, seria um passeio maravilhoso para nós todos, antes de tomarmos qualquer providência aqui em Lisboa. O que acham?

O entusiasmo foi geral. Partiram todos os doze Vivone para Braga.



Depois de certa dificuldade em localizar a quinta, conseguiram achar o Sr. Carlos Benevides, um simpático rapaz de uns 30 anos. Foram imediatamente conduzidos aos aposentos, em excelente estado de conservação. Carlos relatou que soube do seu pai que a senhora Margarida havia falecido em 1510.

— O meu pai não chegou a conhecer o casal de proprietários, pois quem tomava conta da quinta antes dele era o meu avô, nascido em 1460. Antes de falecer, Dona Margarida autorizou-o a alugar o sítio caso ela falecesse. A quinta esteve alugada durante todo esse tempo para diversos inquilinos e nós pudemos não só morar no local e conservá-lo adequadamente, como usar os recursos para o nosso sustento. Tendo em vista que os empresários que aqui estiveram poderiam eventualmente comprar o imóvel, resolvemos esperar por algum tempo até que algum negócio viesse a surgir. Portanto, estamos às ordens para o que os senhores decidirem.

— Esta sua atitude foi a de um cavalheiro — disse Ybyajara.

A reunião da família não poderia ter sido mais alegre depois das notícias relatadas por Carlos.

— Acho que, se decidirmos vender, devemos gratificá-lo generosamente — acrescentou Cauã. — Ele foi tão honesto que até parece ter se formado na Royal School.

— Calma lá, meu irmão — falou Ybyajara, em particular. — Será que ele é tão honesto quanto parece? Afinal de contas, nunca nos procurou para pedir qualquer tipo de orientação da família. Não haverá algum truque escondido por esse pessoal? Por sermos honestos, a nossa visão sobre a honestidade dos outros fica um pouco turvada. Temos que nos acostumar a desconfiar um pouco mais dos outros, mas ficarei muito feliz se você tiver razão.

Depois, Cauã disse ao empregado:

— Carlos, por favor, procure os tais clientes e diga-lhes que estaremos aguardando com prazer um contato conosco. Ficaremos aqui por algum tempo e aproveitaremos para visitar essa linda região que não conhecíamos.

Os portugueses vieram apenas um mês depois, no início do ano de 1606. Tratava-se de um grupo denominado “Portuguese Venture Capital” (PVC), cujos sócios, por coincidência, conheciam os velhos amigos da família Vivone, proprietários da Empresa Franco-Portuguesa de Comércio Internacional. Logo se quebrou o gelo entre as duas partes e a reunião foi marcada pela total franqueza.

— Informo aos senhores que temos interesse em iniciar uma vinícola em sua propriedade, para produzir e vender vinhos especiais, principalmente para a Inglaterra, onde temos alguns contatos com importadoras de Londres — disse o Sr. Alfredo Alcântara, diretor geral da PVC. — Pelo que os senhores nos disseram, a sua família tem propriedades próximas ao castelo de Windsor, onde possuem uma excelente penetração no seio da nobreza britânica. Ora, um negócio como este que estamos planejando poderia ser de mútuo interesse, bastando apenas achar uma forma de realizar dois projetos, isto é, a venda a nós da quinta e um possível acordo de colaboração com a nossa empresa, para as referidas exportações. Antes de nos conhecermos, soubemos por informações dos nossos amigos da Empresa Franco-Portuguesa de Comércio Internacional, que vocês eram donos de uma vinícola em Marseille, uma das mais conceituadas exportadoras de vinhos franceses, competindo em igualdade com os produzidos em Bordeaux. Assim a vossa experiência neste ramo pode ser de grande utilidade para a nossa companhia.

— E o que os senhores estariam pensando, em matéria de preço, pela compra da nossa quinta? — perguntou Cauã.

— Na verdade, o que estamos fazendo é um cálculo comparativo com duas grandezas usadas atualmente para determinar o preço de propriedades como a da sua família. A primeira é o valor de outras quintas com área de 30 hectares iguais à sua. A segunda comparação é com o valor de uma caravela

portuguesa, com aproximadamente 120 tonéis de capacidade¹. Perguntarão os senhores: “Mas o que têm as caravelas com o preço de um imóvel?” E eu respondo que, atualmente, tudo está sendo avaliado em ouro, devido à exploração do metal nas colônias portuguesas, e, felizmente podemos, ter uma ideia de quanto gastaríamos se, em vez de comprarmos a sua quinta, comprássemos uma caravela para as nossas exportações.

“Então, vejamos: estivemos examinando uma linda quinta situada ao norte de Braga que seria adequada para os nossos propósitos. Entretanto, por estar mais ao norte, ela fica mais distante da cidade do Porto, onde seria embarcado o nosso vinho, o que aumentaria muito os seus custos. A sua quinta fica bem mais próxima do Porto, uma vantagem em termos econômicos. A propriedade ao norte foi-nos oferecida por 15kg de ouro. Uma caravela como a que citei está custando 75kg de ouro², ou seja, cinco vezes mais.

“Dessa maneira, considerando todos esses fatores, estamos dispostos a oferecer aos senhores 20kg de ouro, pagáveis em duas vezes, metade agora e metade em 30 dias, assim que tivermos em nosso poder a perfeita documentação da propriedade.”

— Logicamente temos que nos reunir para chegar a uma decisão sobre a sua oferta — afirmou Cauã. — Estou ciente dos problemas que poderão surgir sobre a propriedade. Amanhã à tarde falaremos com os senhores.

À noite, reuniram-se todos, curiosos para saber quais os planos de Cauã.

— Bem, informo que estou preocupado com a documentação que teremos que apresentar antes de vender. Antes de falarmos nisso, porém, temos que decidir se aceitamos ou não o

.....
¹ <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-uma-viagem-maritima-no-tempo-dos-descobrimentos>

² <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-uma-viagem-maritima-no-tempo-dos-descobrimentos>

preço oferecido. Para mim, 20kg de ouro é um presente caído dos céus. Quem estaria de acordo?

A gritaria foi geral e a quantia foi aceita.

— Talvez vocês não tenham pensado na necessidade de apresentarmos um negócio limpo e sem mácula. Isso significa fornecer prova³ de que somos os legítimos herdeiros da vovó Margarida, e para isso temos que percorrer um longo caminho, ou seja: apresentar algum documento antigo que mostre que a vovó e o vovô eram mesmo os donos da quinta. Eu sei que as propriedades imobiliárias eram normalmente registradas em igrejas ou em mosteiros aqui em Portugal⁴, então deve haver algum papel antigo que mostre isso. Como nós recebemos os nossos salvo-condutos no porto de Southampton, para viajar, podemos provar quem somos e mostrar o nome Vivone. Se eles aceitarem esses documentos, podemos vender tranquilamente a propriedade.

— Caramba — falou Charlie —, ainda bem que trouxemos esses documentos da Inglaterra. Na ausência deles, os únicos que poderiam provar a nossa identidade seriam os nossos amigos da Empresa Franco-Portuguesa de Comércio Internacional.

— Concordo com você — completou Cauã. — Além disso, Braga é uma cidade pequena, onde a maioria das pessoas se conhece, e não seria difícil o senhor Alcântara se informar sobre os antigos proprietários da quinta. Ocorreu-me agora uma ideia quanto ao negócio em si. É claro que eles devem estar esperando uma contraoferta referente ao preço de 20kg de ouro, pois um negociante sempre oferece o mínimo pelo que deseja comprar. Assim, se vocês concordarem, pedirei 25kg pela quinta. Evidentemente, eles vão tentar regatear. Então podemos propor 24kg, mas com duas condições: em primeiro lugar, eles teriam que se comprometer a obter toda

•••••
³ <https://www.h-net.org/reviews/showrev.php?id=13577>

⁴ <http://cartorios.org/2015/04/24/a-bela-palavra-cartorio/>

a documentação necessária para a venda. Em segundo lugar, para mostrar que estamos sendo “magnânimos” ao baixar o preço para 24kg, devemos exigir exclusividade nas vendas de vinhos para a Inglaterra, pois eles dependem do nosso relacionamento com os nobres do castelo de Windsor. Tenho certeza de que eles aceitarão.

— Cauã, meu bem — disse Sherry —, além de saber que você é um grande advogado, descobri que também é um gênio em negócios.

— Então vamos tentar ganhar mais 4kg de ouro e mais dois acordos.

Depois de muita discussão, os portugueses capitularam e aceitaram os 24kg, sendo 14kg de entrada e 10kg na data da assinatura. Ficaram também com a incumbência de localizar os documentos e concederam aos Vivone a exclusividade nas vendas de vinhos para a Inglaterra. Ainda por cima, convidaram toda a família para um jantar num dos restaurantes de Braga onde, disseram eles, come-se o melhor bacalhau de Portugal.

Durante o jantar, os portugueses estranharam a língua falada pelos membros da família e indagaram a sua procedência.

— Somos todos ingleses, mas os nossos antepassados eram ingleses, franceses, portugueses e nativos brasileiros, e temos o orgulho de dizer que descendemos de um cacique indígena da etnia caeté — explicou Piatã. — Por isso falamos a língua tupi. O nosso contato com os indígenas começou com a viagem de Fabiano, pai de Ybyajara, para o Brasil, numa das expedições colonizadoras portuguesas, onde ele encontrou a sua esposa Yjara, a quem ensinou francês, português, italiano e inglês. Posteriormente, o seu irmão Florêncio fez uma idêntica viagem ao Brasil, e lá conheceu o amor de sua vida, Mayara, minha mãe. Enfim, somos bem diversificados em matéria de procedência. As nossas esposas são todas inglesas e viviam no castelo de Windsor. Posteriormente, dedicaram-se ao ensino de balé, o que, até hoje, constitui a sua predileção. Os nossos filhos, por outro lado, são todos nascidos numa cidade

próxima ao castelo e frequentaram uma escola de nossa propriedade denominada Royal School of Moral Integrity, uma instituição que baseia o seu currículo nos ensinamentos do nosso patriarca Francesco Vivone, italiano nascido em 1200. Por incrível que pareça, além de frequentarem a Royal School, as nossas esposas aprenderam o tupi com grande esforço e dedicação, além do português, francês e italiano, e assim podemos todos conversar em qualquer uma dessas línguas. Aliás, os nossos antepassados compraram uma residência em Lisboa, onde estamos morando e de onde viemos para conhecer a quinta da nossa avó.

— Ora, mas vocês são realmente de uma espécie raríssima. Portugal necessita de pessoas com essa diversidade de conhecimentos. Quais são as suas profissões, se me é permitido perguntar? — indagou Alcântara.

— Eu sou médico e ex-professor da Universidade de Southampton, especialista em cirurgia geral — informou Piatã. — Teodoro, engenheiro, era encarregado das reformas no castelo de Windsor. Cauã é advogado e foi procurador de justiça na Inglaterra. E Ybyajara é ex-professor de astronomia do British Research Institute for Astronomy and Advanced Mathematics. Os nossos filhos estão em fase de pesquisa sobre suas futuras profissões.

— Bem, não poderia ter sido mais agradável este nosso contato, espero sinceramente que possamos repetir nosso jantar muitas e muitas vezes. Aproveito para desejar-lhes mil felicidades em sua permanência em Portugal, e assim que tivermos a documentação completa, pediremos aos senhores para assinarem o acordo final, e então pagaremos o saldo que devemos.

Após remunerarem Carlos Benevides com 500g de ouro, viajaram pelas redondezas de Braga, aguardando as providências de Alcântara. Em menos de dez dias, porém, estava tudo sacramentado e assinado, e o pagamento do saldo de 10kg foi recebido em 1º de dezembro de 1606. Cauã ficou responsável pela guarda dos 23,5kg de ouro, que foram posteriormente distribuídos aos familiares.

03



Até 1598, era rei de Portugal Felipe II de Espanha (chamado Felipe I em Portugal). O seu filho assumiu o trono da Espanha e de Portugal nesse mesmo ano, com o nome de Felipe III de Espanha e Felipe II de Portugal (1578–1621)¹.

Os Vivone, ao chegarem à residência em Lisboa, encontraram uma carta com o timbre do palácio de Felipe III de Espanha. A carta dizia o seguinte:

El Escorial, 12 de janeiro de 1607.

Caro Professor Doutor Ybyajara Vivone

Por determinação de Sua Majestade Rei Felipe III de Espanha e Felipe II de Portugal, tenho a honra de convidá-lo para comparecer ao Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial na data de 10 de fevereiro de 1607, às treze horas, com a finalidade de proferir conferência sobre os últimos desenvolvimentos da Astronomia.

Com os agradecimentos de Sua Majestade, subscrevo-me aguardando ansiosamente a sua digna presença.

Cordialmente

Alfonso Villas

Ajudante de Ordens de Sua Majestade

— Mas que honra — disse Charlie. — Posso afirmar que meu pai é realmente um homem famoso. Após uma vida de

¹ <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8272.pdf>

tanto estudo e trabalho, me parece justo receber um convite como esse, e ainda por cima de Sua Majestade, rei da Espanha e de Portugal.

Recebido com muita pompa no El Escorial, Ybyajara foi conduzido à presença de Felipe, que pretendia receber uma atualização dos últimos progressos em matéria de astronomia, com interesse ainda maior nas vantagens do conhecimento da matéria para as navegações espanholas e portuguesas.

— Honrado pelo amável convite de Vossa Majestade, tentarei transmitir alguns dos conhecimentos adquiridos durante a minha permanência no British Research Institute for Astronomy and Advanced Mathematics, onde tive a oportunidade de lecionar e de conhecer a obra de famosos astrônomos, aos quais devo me referir durante a palestra.

“Conforme sabemos, os astrônomos de outrora achavam que a Terra era plana e que todo o sistema planetário girava em torno dela, considerada o centro do universo. Atualmente, podemos considerar ultrapassadas essas noções, mas é útil fazer um breve retrospecto das várias teorias apresentadas pelos mais importantes astrônomos, desde a antiguidade até hoje.

“Vou iniciar falando de um gênio chamado Arquimedes². Ele era um físico, matemático, astrônomo e inventor grego. Nasceu na colônia de Siracusa, na Sicília, no ano 287 a.C. e morreu em 212 a.C. Entre suas descobertas matemáticas, estão os principais teoremas sobre a geometria dos círculos, cones, cilindros, planos, esferas e parábolas. No campo da astronomia, Arquimedes elaborou um mapeamento esférico do céu em três dimensões.

“Apesar de me afastar um pouco do tema, vale a pena mencionar que, no campo da física, ele desenvolveu o famoso ‘Princípio de Arquimedes’, onde afirmou que ‘qualquer corpo mais denso que um fluido, ao ser mergulhado neste, perderá peso correspondente ao volume de fluido deslocado’. Além desse princípio, Arquimedes ainda inventou a alavanca com a

• • • • •
² <http://www.infoescola.com/curiosidades/arquimedes-e-o-inicio-da-ciencia/>